

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) LUIZ CAETANO BOAVENTURA BRESCIANI

OS ENSINAMENTOS DE SUN TZU E SUA APLICAÇÃO NA PRIMEIRA  
GUERRA DO GOLFO

Rio de Janeiro

2008

CC(FN) LUIZ CAETANO BOAVENTURA BRESCIANI

OS ENSINAMENTOS DE SUN TZU E SUA APLICAÇÃO NA PRIMEIRA  
GUERRA DO GOLFO

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Roberto Loiola Machado

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2008

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>3</b>
<b>2</b>	<b>A PRIMEIRA GUERRA DO GOLFO</b> .....	<b>3</b>
<b>3</b>	<b>ENSINAMENTOS DE SUN TZU APLICADOS À PRIMEIRA GUERRA DO GOLFO</b> .....	<b>4</b>
3.1	Preparação dos planos .....	4
3.2	Guerra efetiva.....	6
3.3	A espada embainhada.....	7
3.4	Táticas.....	8
3.5	Energia.....	9
3.6	Pontos fracos e fortes.....	10
3.7	Manobras.....	10
3.8	Variação de táticas.....	12
3.9	O exército em marcha.....	12
3.10	Terreno.....	13
3.11	As nove situações.....	14
3.12	Ataque pelo fogo.....	15
3.13	O emprego de espões.....	16
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>18</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>19</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho pretende verificar se os ensinamentos de Sun Tzu podem ser considerados válidos na Primeira Guerra do Golfo.

Os ensinamentos do general chinês Sun Tzu, que viveu entre os anos 400 e 320 a.C., segundo Cardoso (2005), são distribuídos em treze capítulos na obra *A arte da guerra* e até hoje são estudados em diversas escolas militares do mundo, sendo inclusive na atualidade, contextualizado por alguns autores no mundo dos negócios.

A primeira Guerra do Golfo foi um conflito militar ocorrido inicialmente entre o Kuwait e o Iraque, de 2 de agosto de 1990 a 27 de fevereiro de 1991. Posteriormente, envolveu diversos países de todos os continentes, sendo considerado um dos maiores conflitos depois da Segunda Guerra Mundial. Foi marcado por uso de tecnologia de ponta, inclusive com transmissão do ataque à cidade de Bagdá, ao vivo, pela TV.

O trabalho está dividido em quatro capítulos com a seguinte organização: o primeiro capítulo compõe-se de uma breve introdução. O segundo capítulo procurou abordar de forma resumida a Primeira Guerra do Golfo. Cabe ressaltar que nele existe uma citação de Mcneilly atinente à Operação Tempestade no Deserto, que é referenciada em várias seções do terceiro capítulo. Este capítulo aborda os ensinamentos da obra de Sun Tzu correspondentes aos fatos ocorridos na Primeira Guerra do Golfo e os títulos das seções deste capítulo serão, para facilitar a abordagem e a didática, coincidentes com os capítulos da obra *A arte da guerra*. Vale ressaltar, que nem todos os ensinamentos constantes da obra de Sun Tzu puderam, na visão do autor, ser motivo de estudo. Além disso, em cada seção será feita uma pequena análise.

Ao final, é feita uma conclusão acerca da validade ou não dos ensinamentos de Sun Tzu para a guerra em estudo.

## **2 A PRIMEIRA GUERRA DO GOLFO**

Segundo Vidigal (1992), devido a problemas fronteiriços atinentes ao Kuwait, aliados à dificuldade financeira advinda da longa guerra contra o Irã e principalmente pelas posições divergentes adotadas junto à Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), este sendo o principal motivo, o Iraque invade o Kuwait.

O exército iraquiano invadiu o Kuwait na noite de 1º de agosto de 1990, obrigando o governo kuwaitiano a abrigar-se na Arábia Saudita. No começo de novembro, já existiam mais de quatrocentos mil soldados iraquianos no teatro de operações do Kuwait.

A invasão do Kuwait atemorizou a comunidade internacional, principalmente porque se acreditava na possibilidade das tropas iraquianas avançarem pela Arábia Saudita e colocarem em perigo o fornecimento de petróleo para o mundo.

No dia 7 de agosto, no entanto, os Estados Unidos da América (EUA) enviaram suas tropas à região para defesa da Arábia Saudita e começaram a empreender junto aos países europeus, árabes e demais membros da ONU, ações contrárias ao Iraque, assumindo a liderança das Forças da Coalizão ou Coligadas.

Segundo Brasil (1998), as operações foram divididas em duas fases: uma chamada Operação Escudo do Deserto (*Desert Shield*), que previa a edificação do poder de combate para defesa da Arábia Saudita, em virtude da possibilidade de uma ofensiva iraquiana; e outra denominada Operação Tempestade no Deserto (*Desert Storm*), que previa a retomada do Kuwait pelas tropas de coalizão.

O texto abaixo aborda sinteticamente como foi o ataque das 100 horas da Operação Tempestade no Deserto quando as Forças Coligadas controlaram e liberaram o Kuwait, bem como expulsaram as forças iraquianas deste território e derrotaram a guarda republicana:

No dia 24 de fevereiro de 1991, a 1ª e a 2ª divisões do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos lançaram seu assalto de frente, contra as unidades iraquianas que bloqueavam o caminho delas para a cidade do Kuwait. O ataque foi feito exatamente no ponto em que Saddam Hussein esperava: ao longo da estrada mais a direita que os americanos poderiam seguir para liberar o Kuwait. Fora lá que o ditador iraquiano posicionara a maioria do seu exército de um milhão de homens. Mas era a 309 km para oeste que a verdadeira força de ataque da Tempestade no Deserto estava localizada. Um dia depois que os fuzileiros tinham concentrado a atenção dos iraquianos, uma tempestade de fogo de artilharia anunciou o ataque do 18º Corpo aerotransportado e o Sétimo Corpo do exército da Coalizão. Dominando com facilidade as defesas à sua frente, aquelas duas unidades realizaram uma manobra evasiva em torno da parte mais forte da linha de Hussein (McNEILLY, 2004, p.51-52).

### **3 ENSINAMENTOS DE SUN TZU APLICADOS À PRIMEIRA GUERRA DO GOLFO**

#### **3.1 Preparação dos planos**

O primeiro capítulo da obra *A arte da guerra* do mestre Sun Tzu trata da importância desta arte para o Estado, dizendo que ela deve ser meticulosamente estudada e

aborda os cinco fatores que a governam. Introduce também, de acordo com Sawyer (2004), dois importantes conceitos: artilho como essência da guerra e o princípio fundamental da manipulação do inimigo.

“A arte da guerra é governada por cinco fatores, que devem ser levados em conta. São: a lei Moral; o Céu; a Terra; o Chefe; o Método e a disciplina”. (CLAVELL, 1999, p. 17).

Clavell (1999) em sua tradução aborda o primeiro fator, a lei moral, dizendo que ela faz com que o povo fique de completo acordo com seu governante, levando-o a segui-lo sem se importar com a vida e sem temer perigos.

Para as Forças da Coalizão este fator esteve totalmente presente. O apoio diplomático e a opinião pública internacional inclusive foram relacionados como fatores de força, e em 12 de janeiro de 1991 o congresso dos EUA aprovou o uso da força, conforme Brasil (1998).

O segundo fator, o céu, significa a noite, o dia, e o clima. De fato, o clima influenciou bastante nas operações, como por exemplo as tempestades de areia e o nevoeiro que estiveram presentes nos combates do Golfo, retardando e prejudicando a progressão e alguns ataques durante a Operação Tempestade no deserto, conforme relatam Kraus e Schubert (1998).

O terceiro fator, a terra ou terreno, foi extremamente estudado e foram realizados inúmeros treinamentos, foram eles de sobrevivência no deserto, familiarização com as condições do terreno, etc, conforme Brasil (1998). Este fator inclusive era apontado como fator de fraqueza das Forças de Coalizão.

O quarto fator, o chefe, para o Iraque era Saddam Hussein, considerado inclusive como centro de gravidade do Iraque para a Coalizão, conforme Brasil (1998). Para a Coalizão o nome que ficou em evidência foi o do General Schwartzkopf, Comandante do Comando Central dos EUA (USCENTCOM), que controlava todos os elementos do Exército, Marinha, Força Aérea e Fuzileiros Navais no teatro de operações.

O quinto fator composto pelo método e disciplina ficou evidente nas Forças Coligadas com a sua organização, treinamento e a capacidade de prover o apoio logístico a uma enorme estrutura.

Um ensinamento de Sun Tzu que pôde ser verificado no campo operacional, no ataque do texto das 100 horas do segundo capítulo, foi o da surpresa, pois o General Schwartzkopf atacou as Forças de Saddam, em uma direção na qual ele não presumia que fosse o ataque principal, ou seja, a surpresa foi quanto à localização do ataque pôde ser verificada.

“[...] Ataque-o onde ele se mostrar despreparado, apareça quando não estiver sendo esperado”. (CLAVELL, 1999, p. 20).

Vidigal (1992) aborda que as Forças de Coalizão, após seus sucessivos ataques aéreos aos sistemas de comando e controle e ter deixado as forças iraquianas sem nenhuma capacidade de observação dos movimentos da coligação, principalmente após a fuga para o Irã de alguns de seus melhores aviões, deslocou seus efetivos que estavam postados numa primeira fase do conflito na fronteira da Arábia Saudita com o Kuwait para Oeste, na fronteira daquela com o Iraque. Saddam, além de esperar um ataque direto como foi visto no trecho acima, foi levado a crer que uma grande operação anfíbia seria realizada nas proximidades da cidade do Kuwait e conseqüentemente deslocou grande efetivo de suas tropas para o sul desta cidade.

Sobre o fato acima, Vidigal explica que “o uso da surpresa, isto é, atacar o inimigo no ponto em que ele não espera e, portanto, onde ele está mais fraco, é talvez a mais antiga lição das guerras. [...] A Guerra do Golfo é um exemplo da aplicação brilhante desse princípio”. (VIDIGAL, 1992, p. 59).

Alguns dos ensinamentos de Sun Tzu, apesar de antigos, podem ser plenamente adaptados à Guerra do Golfo. Por exemplo, quando se fala em fatores que governam a guerra, no processo de planejamento militar (PPM), estudam-se tais fatores pormenorizadamente e foi isto o que as Forças de Coalizão assim o fizeram objetivando cumprir a sua missão.

Além disso, pode-se notar que a surpresa seja ela estratégica, operacional ou tática é um elemento fundamental para quem quer ter sucesso numa guerra. Podemos considerar que as Forças de Coalizão utilizaram tal princípio brilhantemente.

### 3.2 Guerra efetiva

No capítulo dois da obra de Sun Tzu é abordada a importância de se realizar uma guerra rápida, pois a guerra prolongada pode sacrificar exércitos e conseqüentemente, o Estado guerreiro.

“Não há, na história, notícia de um país que se tenha beneficiado com uma guerra prolongada. Só quem conhece os efeitos desastrosos de uma guerra longa pode compreender a suma importância da rapidez em levá-la a termo”. (CLAVELL, 1999, p. 22).

Segundo a publicação Brasil (1998) Saddam Hussein pretendia usar este ensinamento, pois um dos pontos de sua estratégia era prolongar a crise na esperança de gerar desgaste entre as Forças Coligadas, com a ameaça da perda de muitas vidas humanas.

Tal intento foi plenamente frustrado pela velocidade alcançada após o início da campanha terrestre das Forças de Coalizão, pois conforme relata Vidigal (1992) em cerca de 100 horas o Exército Iraquiano foi completamente desmoralizado e derrotado pelas tropas aliadas sem que tivesse apresentado uma resistência que tornasse menos humilhante a derrota.

O propósito das Forças Coligadas para a ofensiva, segundo Brasil (1998), era atingir os objetivos com rapidez e com o menor número de baixas, contrastando com a guerra de atrito que caracterizou as operações na Guerra do Vietnã.

Desta forma, cabe ressaltar que o ensinamento propagado neste capítulo deve sempre ser buscado por meio de uma guerra rápida, de modo a não se sacrificar os exércitos. Saddam Houssein que pretendia desgastar os exércitos da Coalizão, foi derrotado por estas mesmas Forças que aplicaram tal fundamento, na medida que conduziram um ataque em alta velocidade, poupando assim o sacrifício de forças.

### 3.3 A espada embainhada

O capítulo três do *A arte da guerra* aborda, principalmente, a consideração de Sun Tzu de que a vitória deve ser obtida com o menor sacrifício possível de homens e materiais, ou seja, preservando os exércitos, com o mínimo de destruição possível.

Sun Tzu disse: “Lutar e vencer em todas as batalhas não é a glória suprema; a glória suprema consiste em quebrar a resistência do inimigo sem lutar”. (CLAVELL, 1999, p.25).

Mcneilly (2004) aborda que evitar a força e atacar a fraqueza advém diretamente do princípio de vencer tudo sem lutar. Este princípio permitiu ao General Schwartzkopf e suas forças derrotar os iraquianos em quatro dias, enquanto não sofreram quase nenhuma baixa.

Sun Tzu disse: “[...], a mais perfeita forma de comandar é impedir os planos do inimigo; [...]”. (CLAVELL, 1999, p.25). “Assim, o que é de suma importância na guerra é atacar a estratégia do inimigo” (McNEILLY, 2004, p. 305).

Dos trechos acima, de acordo com Brasil (1998), pode-se interpretar que as Forças Coligadas foram bem sucedidas, pois de um modo geral, derrotaram a estratégia de Saddam Hussein, que subestimou as Forças Coligadas quanto à sua capacidade de combate, imaginou ser possível criar atritos entre as nações árabes islâmicas e os Estados Unidos, adotando uma postura defensiva estática e desconsiderando a possibilidade de um ataque através do deserto iraquiano diretamente contra o flanco exposto de suas forças, confundindo-se com as

operações de despistamento e não avaliando corretamente as possibilidades do inimigo e o poder de combate de forças integradas, navais, aéreas e terrestres.

Ou seja, os ensinamentos de Sun Tzu foram válidos, pois as Forças de Coalizão tiveram poucas baixas, preservando suas tropas, e impediram que o plano de Saddam tivesse sucesso. A quebra da resistência do inimigo, motivada basicamente pela grande quantidade de baixas iraquianas, influenciou diretamente as Forças de Coalizão no tocante ao reduzido número de baixas, que poderia ser alto, caso fosse conduzido uma guerra de atrição pelo exército iraquiano.

### 3.4 Táticas

O capítulo quatro da obra de Sun Tzu versa, segundo Sawyer (2004), sobre o conceito básico de Sun Tzu, ou seja, na batalha só se deve lutar apenas quando a vitória pode ser assegurada, caso contrário deve ser adotada uma forte postura defensiva.

“A garantia contra a derrota implica táticas defensivas; a capacidade de derrotar o inimigo significa tomar a ofensiva. Manter-se na defensiva indica força insuficiente; atacar, uma superabundância de forças”. (CLAVELL, 1999, p. 29)

“Quando não há nenhuma chance de vitória, assuma uma posição defensiva; quando há uma chance de vitória, lance um ataque” (SUN TZU – A ARTE DA GUERRA, 2008).

Vejamos o texto abaixo atinente ao conceito de defesa das Forças de Coalizão:

Inicialmente, o desdobramento das unidades aéreas e terrestres tinha o propósito de estabelecer em terra, rapidamente, meios capazes de deter um possível ataque iraquiano e defender as instalações, portos e aeroportos localizados na costa norte da Arábia Saudita. Com o progressivo desembarque das tropas aliadas no Kuwait, as posições defensivas seriam expandidas para bloquear as duas outras vias de acesso e com a disponibilidade das unidades motorizadas, mecanizadas e blindadas, o CINCCENT passaria a contar com meios para realizar o contra-ataque empregando uma forte reserva. (BRASIL, 1998, p.1-8).

O planejamento acima foi efetivado e a Operação Escudo do Deserto foi realizada com sucesso até sua transição para Operação Tempestade no Deserto.

Na guerra em estudo o ensinamento de Sun Tzu pôde ser verificado com a adoção por parte da Coalizão, inicialmente, de uma postura defensiva, com a Operação Escudo no Deserto. Isto porque, por ocasião da invasão do Kuwait, não se tinha condições de fazer frente às forças iraquianas, ou seja, adotaram uma postura defensiva até a reunião de meios necessários para que pudessem assegurar uma vitória, que foi conseguida com a Operação Tempestade no Deserto.

### 3.5 Energia

O capítulo cinco da obra *A arte da guerra* versa sobre o comando e controle, e sobre as manobras diretas e indiretas, esta última um dos pilares do pensamento de Sun Tzu.

Quanto ao comando e controle, Sawyer (2004) aborda que a organização, estritamente definida, significa que o comandante exerce sua vontade sobre suas tropas como se comandasse um único homem.

“Em princípio comandar uma grande força é a mesma coisa que comandar alguns homens: é apenas uma questão de dividir seu efetivo”. (CLAVELL, 1999, p.32).

Na Guerra do Golfo tal comando e controle foi muito bem exercido: “A estrutura de comando das Forças Coligadas, embora não permitisse o exercício do comando em sua plenitude, de forma centralizada, foi bem sucedida, [...]”. (BRASIL, 1998, p.1-28).

“As Forças Coligadas desenvolveram, planejaram e executaram uma campanha de guerra combinada, conjunta, coordenada e multinacional, com sucesso ao derrotar o Iraque”. (BRASIL, 1998, p.3-35).

Já em relação às manobras diretas e indiretas Sun Tzu disse: “Na batalha, porém, não há mais de dois métodos de ataque: o direto e o indireto; todavia, a combinação dá ensejo a uma infindável série de manobras”. (CLAVELL, 1999, p. 33).

De fato, as forças de coalizão, como já citado, utilizaram-se de uma combinação de manobras ofensivas, como o envolvimento por parte do 18º Corpo Aerotransportado e o 7º Corpo do Exército da Coalizão, por meio de ataques frontais por parte das 1ª e a 2ª divisões do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, fintas e demonstrações anfíbias. Para Sun Tzu, segundo Clavell (1999) e Mcneilly (2004), utilizar-se de uma combinação de forças diretas e indiretas é essencial para conquistar o inimigo.

Mcneilly (2004) explica que o ataque direto é aquele que o inimigo espera, concentrando a atenção de seus líderes neste local; de outra forma, quando é feito o ataque indireto o inimigo é surpreendido, pois a atenção está voltada para outro local.

Os ensinamentos do capítulo cinco da obra de Sun Tzu foram totalmente verificados na Guerra do Golfo, pois o comando e controle foi centralizado e uma combinação de manobras diretas e indiretas levou as tropas de coalizão ao complexo e arrasador ataque das 100 horas.

### 3.6 Pontos fracos e fortes

O capítulo seis da obra de Sun Tzu aborda a importância de evitar atacar os pontos fortes do inimigo e atacar os pontos fracos. Aborda em complemento, maneiras de enganar, manipular e buscar o ardil.

Dois citações são capazes de demonstrar um interessante aspecto do pensamento de Sun Tzu: “Na guerra, porém, o caminho é evitar o que é forte e golpeá-lo quando estiver fraco.” (CLAVELL, 1999, p.42); e “O local onde pretendemos lutar não deve ser revelado, pois assim o inimigo terá de se preparar contra um possível ataque em vários pontos diferentes;” (CLAVELL, 1999, p.40).

Os ensinamentos do mestre chinês podem ser vislumbrados no ataque das 100 horas da Operação Tempestade no Deserto. No texto de Mcneilly (2004), já citado do capítulo anterior, podemos verificar que as tropas da coalizão formadas pelo 18º Corpo aerotransportado e o 7º Corpo do Exército da Coalizão evitaram ir de encontro onde às forças iraquianas estavam mais fortes. Procuraram de outra forma, explorar um ponto fraco do dispositivo inimigo.

Além disso, as forças iraquianas foram surpreendidas, enganadas e manipuladas, pois se prepararam para se contrapor a um assalto anfíbio na costa kuwaitiana, tendo inclusive deslocado a Guarda Republicana para o sudoeste do Iraque para repelir o assalto. Ou seja, o local do ataque não foi revelado, assim os iraquianos tiveram que se preparar e dispersar suas tropas em vários pontos diferentes, ficando conseqüentemente enfraquecidos.

Pode-se notar que atacar os pontos fracos do inimigo e evitar os fortes é uma utilização muito mais eficiente dos recursos, sejam eles materiais ou pessoais. No estudo das possibilidades do inimigo, seu dispositivo e valor, em conjunto com o estudo do terreno, deve-se avaliar onde será empregada a nossa força. A Força de Coalizão conseguiu realizar o ataque com sucesso graças ao planejamento minucioso e a execução coordenada dos seus ataques e ao levantamento da situação do inimigo.

### 3.7 Manobras

O capítulo sete do *A arte da guerra* tem como tema central, segundo Sawyer (2004), a afirmação de que o combate entre exércitos é vantajoso, porém o combate entre massas é perigoso. Neste mesmo capítulo, Sun Tzu aborda também aspectos atinentes à logística.

Quanto à observação exército-massa, Sawyer (2004) continua suas observações dizendo que não basta vestir homens de soldados e dispô-los no campo de batalha, é preciso haver coesão e disciplina para constituir um exército de modo a executar a concepção do comandante.

Kraus e Schubert (1998) abordam que os soldados americanos suplantaram seus inimigos iraquianos, também devido à conduta de seus homens em todas as posições de liderança. Além disso, abordam que o exército foi formado por voluntários e demonstraram ser mais bem disciplinados que os da época do Vietnã.

Em Brasil (1998) os fatores de força: superior grau de habilitação e de treinamento e alto grau de liderança política ajudaram a disciplinar e proporcionaram o moral necessário para a coesão das Forças da Coalizão.

Quanto à logística, observemos o texto: “No apoio a qualquer estratégia bem-sucedida está o reino crítico da logística”. (MCNEILLY, 2004, p.167). Com esta frase verifica-se outro princípio importante que é o da preparação ou logística.

“Um exército sem sua equipagem está perdido; sem provisões, também; o mesmo acontece se perder as bases de suprimento”. (CLAVELL, 1999, p.45).

Na Primeira Guerra do Golfo a logística foi uma preocupação constante, pois as Forças envolvidas foram de grande vulto e havia a necessidade de se transportar significativa carga logística para o Teatro de Operações. Para se ter uma idéia da quantidade de pessoal, equipamentos e suprimentos que estavam ou foram utilizados na Guerra, da dimensão e da preocupação com a determinação das necessidades logísticas, Brasil (1998) relata que: as Forças Coligadas (EUA, britânicas e francesas) totalizavam 258.701 homens, 47.479 veículos sobre rodas e 1.619 aeronaves; e até o início da campanha aérea foram servidas 29, 6 milhões de refeições, gastos 36 milhões de galões de combustível e transportadas 114,9 mil toneladas de munição. No ataque, segundo Mcneilly (2004), as unidades de combate exigiram 708 toneladas de alimentos, 34.000 toneladas de munição, 8,9 milhões de litros de combustível e 4,9 milhões de litros de água por dia.

Tanto a liderança como a logística, esta última de características extremamente grandiosas, foram aspectos trabalhados pelas Forças de Coalizão e muitos bem empregados por ocasião de toda a campanha. Tanto na Operação Tempestade no Deserto como na Escudo no Deserto a logística foi preocupação constante e contribuiu sobremaneira para o sucesso de tão complexa campanha. Toda a preparação e planejamento, após uma extensa campanha aérea, levou as Forças da Coalizão a uma vitória, após 100 horas de combate terrestre. Mais

uma vez os ensinamentos do mestre Sun Tzu foram válidos e verificados na guerra em questão.

### 3.8 Variação de táticas

O capítulo oito da obra de Sun Tzu relata que o general que sabe trabalhar ou utilizar as nove variações táticas sabe como empregar seu exército.

Além da utilização das nove variações, Sun Tzu faz outras considerações sobre vantagens e desvantagens, conforme texto abaixo:

Nos Planos de um chefe inteligente, as considerações sobre vantagens e desvantagens devem estar harmonizadas. Se a nossa expectativa de vantagem for mesclada dessa maneira, poderemos ter sucesso no cumprimento da parte essencial dos nossos planos. Se, no entanto, em meio a dificuldades, estivermos sempre preparados para tirar vantagem, podemos livrar-nos do infortúnio. Enfraqueça os comandantes hostis infligindo-lhes perdas; perturbe-os e mantenha-os constantemente ocupados; organize engodos plausíveis e faça-os correr para qualquer ponto estabelecido. (CLAVELL, 1999, p.53).

Na guerra em tela, conforme Brasil (1998), a manobra ofensiva das Forças de Coalizão foi delineada de acordo com o princípio de aplicar os fatores de força contra as vulnerabilidades do inimigo. Os seguintes fatores de força foram relacionados: superior grau de habilitação e de treinamento; maior capacidade tecnológica de armamento; real capacidade de obtenção de superioridade aérea; superior capacidade de obter e processar informações e inteligência, através de satélites; apoio diplomático e opinião pública internacional e alto grau de liderança política e militar das forças coligadas. E fatores de fraqueza: cenário mais familiar ao inimigo; extensas linhas de comunicações; inferioridade numérica de forças e a dúvida se Saddam Hussein iria empregar ou não as armas de destruição em massa.

Desta forma, pode-se notar que na guerra houve considerações sobre vantagens e desvantagens, ou seja, sobre fatores de força e fraqueza das Forças de Coalizão, mostrando que tal ensinamento continua apropriado e é de grande validade, principalmente quando se comparam as forças beligerantes.

### 3.9 O exército em marcha

Além de observações atinentes ao posicionamento e manobra do exército no terreno e de como tirar vantagem dos diversos tipos de terreno, sejam eles pântanos, montanhas, entre outros, o capítulo nove do *A Arte da Guerra* aborda também outros aspectos.

Um deles diz respeito ao comando e controle, que Mcneilly (2004) aborda da seguinte maneira: dê orientações precisas, ou seja, os subalternos precisam conhecer a intenção e a estratégia do comandante. Tal aspecto aparece em diversos outros capítulos da obra de Sun Tzu e será abordado nesta seção.

“Três questões basilares reaparecem aqui: primeiro [...]. Em terceiro - e essencial a todo comando -, convicção nas ordens, confiança nas diretivas, segurança nas ações empreendidas, sempre acentuadas por incessante coerência”.(SAWYER, 2004, p.108).

“Quando as ordens são consistentes e confiáveis e observadas, o relacionamento de um comandante com suas tropas é satisfatório” (MACNEILLY, 2004, p. 237).

Se ao treinar soldados, as ordens forem diariamente reforçadas, o exército será bem disciplinado; do contrário, sua indisciplina será nefasta. Se um general demonstra confiança em seus soldados, mas insiste sempre que suas ordens sejam obedecidas, a vantagem será mútua.[...] (CLAVELL, 1999, p. 67).

Em Brasil (1998) pode-se verificar que visando a não repetir erros cometidos no Vietnã, em relação à insegurança quanto aos objetivos de guerra, os comandantes e comandados durante a Guerra do Golfo se portaram de outra maneira. O estabelecimento de propósitos claros inspirou confiança e facilitou a formulação e identificação de objetivos militares, ou seja, ordens foram emanadas de forma consistentes. Aborda ainda que um dos pontos mais importantes a ressaltar foi o moral das tropas, pois tinham plena confiança de que seriam capazes de derrotar as forças iraquianas. Os problemas disciplinares foram praticamente inexistentes e os treinamentos e os exercícios conjuntos e combinados transmitiram confiança e entendimento mútuos. O alto moral reforçou as vantagens.

Pôde-se verificar na Guerra do Golfo a preocupação em não repetir os erros cometidos no Vietnã atinentes ao comando e controle. A preocupação com o moral da tropa e com o treinamento também foram de fundamental importância para a fulminante vitória, ratificando os ensinamentos de Sun Tzu.

### 3.10 Terreno

O capítulo 10 da obra *A arte da guerra*, não trata apenas dos seis principais tipos de terreno, centra-se também, segundo Sawyer (2004), na fraqueza e nas falhas de comando e controle, incluindo desequilíbrios de autoridade e desintegração de unidades, além de ratificar o preceito de que é essencial conhecer a si mesmo e ao inimigo.

A conformação do terreno é da máxima assistência em combate. Portanto, avaliar a situação do inimigo e calcular distâncias e o grau de dificuldade do terreno, de modo a controlar a vitória, são virtudes do general superior. Para aquele que luta com pleno conhecimento desses fatores, a vitória é certa; aquele que não o faz será derrotado, sem dúvida alguma. (McNEILLY, 2004, p. 116).

O texto retirado da obra de Sun Tzu mostra a importância do estudo do terreno, cujo conhecimento é vital não só para forças atacantes como para o defensor. O conhecimento dos obstáculos, cobertas e abrigos, vias de acesso, observação, campos de tiro, são vitais para o sucesso de uma operação.

“A formação natural da região é o melhor aliado do soldado[...]. Quem conhecer essas coisas e, no combate, puser em prática esses conhecimentos, vencerá seus combates.” (CLAVELL, 1999, p.72).

Mcneilly (2004) aborda em sua obra que o General Fred Franks na Operação Tempestade no Deserto, procurou conhecer o terreno no qual iria combater. Para se preparar para o combate sentava-se em frente a mapas do campo de batalha e estudava-os atentamente. E conhecer o terreno em detalhes permitiu que o General percebesse que podia ensaiar seu ataque iminente enquanto suas tropas se deslocavam para linha de ataque. Este ensaio serviu para o preparar melhor as tropas e reagir com rapidez a mudanças da situação à medida que a batalha avançava.

Conhecer e estudar o terreno é fundamental para qualquer força, inclusive o seu estudo está incluso no PPM que é utilizado em todos os planejamentos operativos de nossa Marinha.

O exemplo do General Fred Franks apenas reforça a importância do estudo do terreno, que Sun Tzu já alertava, e da adaptação das tropas da Coalizão ao terreno desértico. Adestramentos e ensaios foram realizados exaustivamente visando a minimizar os efeitos do terreno sobre pessoal e equipamentos.

### 3.11 As nove situações

O capítulo onze da obra de Sun Tzu aborda nove tipos de terrenos e quais seriam as ações a serem tomadas pelos exércitos ao penetrarem nestes terrenos, além disto, faz uma série de considerações sobre rapidez, sigilo do general, entre outras.

Inicia-se abordando ensinamentos atinentes ao terreno. Sun Tzu caracterizou o terreno difícil: “Florestas montanhosas, precipícios escarpados, charcos e pântanos, toda região trabalhosa de atravessar, são um terreno difícil.” (CLAVELL, 1999, p.78).

O autor analisou os aspectos atinentes as nove situações e julgou que o terreno onde foi conduzida a guerra em estudo foi difícil, principalmente o relativo à Operação Tempestade no Deserto. Apesar de Sun Tzu não referenciar em seus escritos o deserto, ele, no tocante às dificuldades, é uma região trabalhosa de atravessar, pois dificulta e restringe os movimentos, tanto das tropas a pé como os das viaturas.

Quanto aos outros ensinamentos do capítulo 11 da obra em questão verifica-se o que Sun Tzu aborda no tocante a rapidez. “A rapidez é a essência da guerra.” (CLAVELL, 1999, p.79).

Na guerra em tela a rapidez esteve presente e foi uma das principais características, conforme verifica-se nos textos abaixo:

“A despeito das dificuldades do terreno e das condições meteorológicas desfavoráveis, as forças atacantes avançaram com velocidade acima da planejada” (BRASIL, 1998, p. 6-26).

“A combinação de uma poderosa ofensiva aérea, seguida por uma campanha terrestre veloz e reforçada por blindados, provou ser extremamente eficiente no terreno desértico do Sudoeste Asiático” (KRAUS; SCHUBERT, 1998, p. 294).

Buscando velocidade em um terreno difícil, pode-se verificar também, dentre as características do ataque da Força de Coalizão, o emprego de forças mecanizadas e blindadas de modo a dar velocidade ao ataque. Parte da Força de Coalizão procurou manobrar com rapidez em relação ao dispositivo das Forças Iraquianas, buscando envolver o inimigo por oeste, conforme o texto das 100 horas do capítulo anterior.

A coalizão buscou o *momentum* quando se combinou rapidez com adequada concentração de poder de combate, conceito de Brasil (2008). Utilizou blindados, mecanizados, helicópteros, todos os meios disponíveis para dar rapidez ao seu ataque, obtendo com isto choque e surpresa em suas ações e conseqüentemente um sucesso imponente, corroborando o ensinamento de Sun Tzu.

### 3.12 Ataque pelo fogo

O capítulo ataque pelo fogo da obra *A arte da guerra* aborda que há cinco maneiras de se atacar pelo fogo, com ataques incendiários. Porém, atualmente é necessário fazer uma adaptação deste ensinamento para que continue sendo considerado válido. Apesar de não ser incendiário, o ataque pelo fogo, ou pode-se dizer fogos, causam os seguintes efeitos: destroem, neutralizam, inquietam, interditam e iluminam o campo de batalha.

Sun Tzu dizia que deveria se incendiar os soldados, provisões, suprimentos, arsenais e formações. Adaptando ou atualizando tal ensinamento seria o emprego dos fogos de metralhadoras, morteiros, foguetes, obuseiros, aéreos, canhões, entre outros, sobre o inimigo, e sobre seus equipamentos e sua logística.

Na Guerra do Golfo, neste quesito, ou seja, fogos, as Forças de Coalizão realizaram diversos tipos de fogos sobre os iraquianos, com as mais diversas finalidades, utilizando um potencial tecnológico até então nunca visto. Alguns exemplos:

“[...] general McCaffrey iniciou o deslocamento de sua 24ª Divisão em direção a seu primeiro objetivo principal. Sua 197ª Brigada atacou, às 3h, para conquistar o objetivo Brown, [...] acompanhando os fogos de artilharia e de apoio aéreo aproximado.” (KRAUS; SCHUBERT, 1998, p. 266).

[...]. Uma combinação de armamento superior à técnica – tiro preciso dos carros Abrams e do armamento dos helicópteros Apache; os fogos de canhões automáticos de 25 mm dos Bradley; a grande superioridade em artilharia; o apoio direto dos foguetes; os fogos de contrabateria e a superioridade aérea – fez a 24ª Divisão varar as unidades blindadas e de artilharia do inimigo, nas batalhas dos vales [...] (KRAUS; SCHUBERT, 1998, p. 273).

De acordo com Brasil (1998) a campanha aérea na Guerra do Golfo durou quarenta e três dias atacando sistemas de comando e controle, linhas de comunicações, sistemas de defesa aérea e continuaram até o cessar fogo, em fevereiro, deixando de ser de caráter estratégico contra alvos no Iraque e passando a ser de caráter tático, com ataques às tropas e instalações iraquianas no teatro de operações do Kuwait.

Os exemplos acima mostram o emprego dos fogos usados na operação Tempestade do Deserto com as mais diversas finalidades e efeitos. Conclui-se que os ensinamentos atinentes ao capítulo 12 da obra de Sun Tzu continuam perfeitamente válidos nos dias atuais. Porém, conforme supramencionado, deve-se adaptar tais ensinamentos, principalmente devido ao desenvolvimento tecnológico adquirido pelos armamentos com o passar dos anos.

### 3.13 O emprego de espões

Se conhecemos o inimigo e a nós mesmos, não precisamos temer o resultado de uma centena de combates. Se nos conhecemos, mas não ao inimigo, para cada vitória sofreremos uma derrota. Se não nos conhecemos nem ao inimigo, sucumbiremos em todas as batalhas (CLAVELL, 1999, p. 28).

O parágrafo acima é um dos mais famosos da obra de Sun Tzu e apesar do texto acima não compor o capítulo treze do *A arte da guerra*, foi escolhido para introduzir o assunto e observar a importância que o General chinês dava ao aspecto da inteligência.

Em sua obra Sun Tzu aborda cinco tipos de espiões utilizados e fornece a justificativa para seu emprego. Sawyer (2004) aborda que o General acreditava que desperdiçar materiais ou vidas, mesmo que depois esse desperdício se tornasse irrelevante, seria tão estúpido quanto desumano, porque o propósito último da guerra deve ser preservar o povo, derrotando rapidamente o inimigo.

Quanto à interpretação do capítulo treze do *A arte da guerra*, adotar-se-á a linha de Cardoso (2005) que diz que convém ao leitor da obra de Sun Tzu atualizar-se, não em relação aos conceitos constantes do capítulo treze, pois permanecem válidos, mas em relação aos instrumentos e os fins de sua execução. O valor da espionagem convencional, como fonte de informes, deve ser compartilhado, modernamente, com os sistemas sofisticados de observação por satélite, de escuta eletrônica hipersensível e outros. Assim deve ser interpretada, por exemplo, segundo ele, a máxima de Sun Tzu, que diz que os espiões são um elemento extremamente importante na guerra.

Na guerra em estudo podemos dar alguns exemplos do uso da inteligência. Segundo BRASIL (1998) informes já indicavam o posicionamento e o quantitativo das tropas de Saddam Hussein em meados de outubro de 1991, além da disposição de obstáculos nas linhas de defesa inimigas. Segue registrando que elementos de primeiro escalão das Forças de Coalizão reclamavam da falta de detalhamento das informações dos obstáculos e das posições fortificadas dispostas na fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita.

Analisando a obra de Kraus e Schubert (1998), diversas informações atinentes ao quantitativo, dispositivo e ações inimigas foram passadas por sumários de inteligência mostrando a importância desse tipo de atividade para o sucesso das Forças de Coalizão. Em 23 de fevereiro de 1991, véspera da investida conhecida como as 100 horas, um mapa elaborado a partir de um sumário de inteligência, detalhava toda a ordem de batalha das forças iraquianas.

Atualmente a inteligência possui muitas outras faces, além do uso de espiões. A produção dos conhecimentos advém também de fontes abertas como revistas, jornais, televisão, internet; de imagens como as provenientes de tecnologia de mapeamento, fotografias satelitais e aéreas; e de sinais como as provenientes da interceptação e interpretação de emissões radio-eletrônicas como celulares, internet e telefone.

Contextualizando e adaptando os ensinamentos de Sun Tzu acerca do uso da inteligência, pode-se verificar que eles são perfeitamente válidos atualmente. Na guerra em estudo os mecanismos e os instrumentos para produção dos conhecimentos foram eficazmente

utilizados, proporcionando à Coalizão a ordem de batalha do inimigo e maior eficácia na busca e seleção de alvos.

#### **4 CONCLUSÃO**

Os ensinamentos de Sun Tzu foram escritos há cerca de 2500 anos e freqüentemente existe o questionamento se eles são válidos nos conflitos ou guerras existentes nos dias atuais. Analisando a obra *A arte da guerra* de Sun Tzu, traduzida por diversos autores, e pormenorizadamente todos seus treze capítulos, pode-se constatar que muitos de seus conceitos continuam válidos até os dias atuais.

Cabe ressaltar, porém, que vários de seus ensinamentos devem ser contextualizados ou atualizados em face do desenvolvimento tecnológico e da doutrina utilizada nas guerras atuais.

Em relação à primeira Guerra do Golfo muitos de seus ensinamentos puderam ser verificados, de acordo com a literatura encontrada referente ao conflito.

Ensinamentos como o estudo dos fatores que governam a guerra, a utilização da rapidez, o emprego do apoio de fogo, a importância da logística e do treinamento, o conhecimento do terreno, o recebimento de ordens precisas, a utilização da inteligência, o ataque aos pontos fracos do inimigo e evitar os fortes, o emprego de manobras diretas e indiretas, a fuga da guerra prolongada, o ataque ao inimigo em local inesperado, o emprego oportuno da postura defensiva e a consideração das vantagens e desvantagens são alguns aspectos que foram vislumbrados no decorrer deste trabalho atinente à Guerra do Golfo, que conferem aos ensinamentos de Sun Tzu a importância que comprovadamente lhe são dados por todos os estrategistas militares. Tais ensinamentos foram de fundamental importância para o sucesso das Forças de Coalizão diante das Forças iraquianas.

Por isso, é irrefutável que a obra de Sun Tzu deve ser estudada e o seu estudo incentivado em todas as escolas militares, pois seus ensinamentos, como constatamos, são válidos até os dias atuais.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Escola de Guerra Naval. **EGN-304B - Guia de Estudos de Estratégia**. Rio de Janeiro, 2007.
- \_\_\_\_\_. LS-V-9901. **“The Persian Gulf War” (A Guerra do Golfo)**. Rio de Janeiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Nota de Aula (mod-3A): Estratégia Operacional**. Rio de Janeiro, 2008.
- CARDOSO, Alberto Mendes. **Os 13 momentos da arte da guerra: uma visão brasileira da obra de Sun Tzu**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- CLAVELL, James. **A Arte da Guerra**. Tradução José Sanz. 1. ed. 22. t. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- KRAUS, Theresa L.; Schubert, Frank N. **Tempestade no Deserto**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- McNEILLY, Mark. **Sun Tzu e a arte da guerra moderna**. Tradução Luiz Carlos do Nascimento e Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SAWYER, Ralph D. **A Arte da Guerra/Sun-Tzu, Sun-Pin**. Tradução Ana Aguiar Cotrin. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FIGUEIREDO, Luiz. **Sun Tzu – A Arte da Guerra**. Disponível em: <<http://www.suntzu.hpg.ig.com.br>> Acesso em: 01 mai. 2008.
- VIDIGAL, Armando A. Ferreira. A Guerra do Golfo – Uma Análise Político-Estratégica e Militar. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 112, n. 1/3, p. 15-62, Jan./Mar. 1992. Trimestral.